



DO NADA AO TODO



A jornada de uma consciência
em transformação.

JB Santos

D O N A D A A O T O D O

Ao meu filho,
por me lembrar todos os dias
o que realmente importa.

*Às vezes, a travessia começa antes
de sabermos para onde estamos indo.*



CAPÍTULO 1

Entre as Ruínas e o Portal

Naquela noite, Ceci estava deitada ao lado de alguém que dizia amá-la, vivendo uma vida que achava amar.

Acordava todos os dias para ir ao trabalho, tomava café ainda de pijama, deixava a xícara na pia antes de sair. Cumpria horários, respondia mensagens, fazia planos para o fim de semana. Às vezes, imaginava uma promoção. Talvez um pedido de casamento.

Era uma vida que parecia seguir na direção certa. Mas existiam rachaduras demais ali dentro.

Não era uma briga isolada ou uma situação específica. Era acúmulo. A sensação de que, mesmo quando havia carinho, rotina e uma certa estabilidade, ela vivia em alerta, tentando prever a próxima queda, a próxima conversa difícil, a próxima vez em que precisaria explicar como se sentia.

Enquanto ele dormia, ela olhava para o teto.

Pela primeira vez em muito tempo, não estava tentando salvar nada. Não queria convencer, consertar ou explicar.

Só estava cansada.

E o cansaço, quando chega a um certo ponto, começa a dizer verdades que a esperança prefere omitir.

Foi ali que uma pergunta nasceu:

E se o problema não fosse apenas o relacionamento?

Ela não sabia, mas aquela dúvida era uma porta.

Não uma porta bonita e iluminada com um convite escrito: “Entre”. Parecia mais uma fresta aberta em uma parede quebrada. Pequena, desconfortável, quase claustrofóbica.

Ceci achava que sabia o que estava acontecendo. Existiam memórias, mensagens e provas que pareciam explicar por que ela estava tão exausta. Boa parte daquilo era real. Diálogos que já não chegavam a lugar nenhum. Situações que se repetiam. Momentos em que ela se sentia profundamente amada, seguidos por outros em que parecia construir sozinha uma ponte que deveria ter dois lados.

O mais confuso era justamente isso: nem tudo era ruim.

Se fosse, seria mais fácil.

A dúvida surgiu em meio a risos, abraços e planos. Uma imagem de futuro que, durante algum tempo, pareceu perfeita.

Ceci não insistia por ignorar os problemas.

Insistia porque também enxergava o que havia de bom.

Porque o potencial pode fazer uma promessa parecer casa antes que exista chão suficiente para morar nela.

Ceci imaginou que os dias depois do término serviriam apenas para sobreviver. Achou que passaria a maior parte do tempo revisitando conversas, esperando sinais, procurando explicações ou tentando descobrir em que ponto tudo havia começado a desmoronar.

Mas o silêncio chegou antes.

Nenhuma pergunta exigia resposta. Não havia ninguém esperando algum gesto do outro lado da tela.

Nos primeiros dias, acordava assustada, como se algum problema estivesse à espera, mesmo sem a urgência específica de resolver um vínculo que já havia terminado.

Às vezes, sentia vontade de voltar para aquele lugar conhecido, mesmo sabendo o quanto ele a limitava, não por arrependimento, mas porque ainda não sabia ficar sozinha dentro de si mesma.

Não voltou.

Depois de mais uma noite mal dormida, Ceci desceu para buscar água. Abriu a porta da geladeira ainda com os olhos entreabertos e pegou uma garrafa para beber ali mesmo. Ao fechar, viu uma fotografia presa por um ímã. Ela estava sorrindo, vivendo um momento sem fazer ideia de onde aquilo ia dar. Não havia nada errado ali. Seu rosto estava iluminado, o cabelo escovado, e ela usava um casaco cinza que tinha ganhado em seu último aniversário.

No reflexo da porta de inox, enxergou-se ao lado da foto. Sua imagem estava distorcida pela superfície. De um lado, a mulher que sorria com facilidade. Do outro, só um contorno cansado do que havia restado.

Não sabia dizer o que tinha mudado entre as duas imagens.

Talvez a diferença estivesse só no modo como se enxergava.

Os dias eram iguais. Ceci acordava, comia, tomava banho, chorava em horários inconvenientes e caminhava pela casa sem saber o que procurava.

Ela passou a perceber coisas demais ali dentro: a poeira acumulada em cima de um móvel, o barulho que a rua fazia à noite, a roupa que esperava ser lavada havia alguns dias. Coisas que, até então, nem tinham espaço para serem notadas.

Reconhecia o abandono nos próprios gestos, repetidos sem pensar, no jeito automático de pedir desculpas antes mesmo de errar, nos limites que deixava ultrapassar, nas vezes em que dizia “tudo bem” quando na verdade não estava.

Certa madrugada, ela teve um sonho.

Via-se diante do mar.

Azul. Imenso. Agitado.

As ondas avançavam com força, despertavam medo e desejo ao mesmo tempo.

Ela queria chegar mais perto.

Sentiu vontade de entrar.

Mas não entrou.

Ficou na margem, olhando a água ocupar tudo o que seus olhos conseguiam alcançar.

Quando acordou, ainda notava uma angústia estranha no peito. Ficou deitada até a respiração desacelerar.

Ceci não queria mais se sentir pequena dentro da própria vida.

Ainda não sabia muito bem o que fazer com isso. Não sabia o que havia do outro lado daquela porta. Mas queria descobrir.



SESSÃO 1

Catarina tinha o caderno aberto sobre a mesa.

— Você se perguntou se o que sentia era amor?

Ceci demorou mais do que esperava para responder à pergunta.

— Era.

Catarina esperou.

— Não o tempo inteiro do jeito que eu gostaria. Mas seria injusto dizer que não.

— E por que você terminou?

— Porque eu esperava que aquele amor preenchesse algo maior.

— O quê?

— Acho que a sensação de estar no lugar certo.

Ceci fez uma pausa antes de continuar.

— De que a minha vida finalmente tinha encontrado uma direção.

— E tinha?

— Não. Mas, naquele momento, eu ainda não sabia.

— O que você não sabia?

Ceci se ajeitou na cadeira bege do consultório.

— Nós tínhamos tantos planos, sabe? Eu conseguia imaginar como seria se tudo melhorasse.

— E o que você fazia enquanto esperava?

— Tentava mais um pouco. Achava que talvez precisássemos de mais tempo, ou de uma conversa diferente.

— Você se sentia bem fazendo isso?

— Por alguns dias, sim. Às vezes as coisas melhoravam mesmo.

— Teve algo que você percebeu só depois do término?

— Sim. Que nenhuma resposta poderia continuar dependendo inteiramente de alguém do lado de fora.

Catarina anotou em silêncio. Quando terminou, voltou a olhar para Ceci.

— E agora, Ceci, quem existe do lado de dentro?

Obrigada por chegar até aqui.

Este livro não oferece um caminho pronto.
Testemunha um caminho vivido.

Um caminho feito de rupturas, relações e
pequenos gestos que, quase sem anúncio,
alteram a direção de uma existência.

Porque a transformação raramente chega como conclusão.



A história de Ceci continua em *Do Nada ao Todo*.

Acompanhe o lançamento e as novidades da Casa Nerolphy:

 TikTok · Casa Nerolphy

 Instagram · Casa Nerolphy

JB Santos

CASA NEROLPHY